

LE RÉSEAU D'ÉCHANGES DES SAVOIRS DE BELLEVILLE E MÉNILMONTANT: UMA DISCUSSÃO SOBRE ASSOCIATIVISMO E RECIPROCIDADE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO¹

Laura Graziela Gomes

Resumo. O presente artigo tem como objetivo tecer algumas reflexões sobre os modos de apropriação locais de uma forma associativa francesa específica – *le réseau d'échanges des savoirs* – de Belleville e Ménilmontant, dois *quartiers* populares, sediados no leste parisiense. A partir de minha experiência como participante do *réseau*, observações e conversas com os demais participantes, conclui que, basicamente, tratam-se de dois modos: o primeiro, relativo à produção de localidade, da condição de pertença dos moradores do *quartier*; o segundo, relativo à produção de capital social, traduzido em confiança e, por sua vez, formas de cooperação. O importante a ser ressaltado é que esses dois modos de apropriação não são exclusivos, ambos convivem, fundem-se e se interpenetram.

Palavras-chave: Antropologia urbana, associações, dádiva e solidariedade, cultura cívica, capital social.

Em 2001, a França comemorou o centenário da lei de *1^{er} juillet*, que faculta a todos os seus cidadãos o direito de criarem quaisquer formas de associações. Por ocasião das comemorações, em 25 de junho de 2001, foi realizado em Paris um colóquio organizado pelo Conseil Économique et Social, na Assembléia Nacional. De acordo com o documento *Les français et les associations*, de Robert Rochefort, fornecido aos membros

Laura Graziela Gomes é doutora, professora do departamento de Antropologia da Universidade Federal Fluminense.

participantes do colóquio, 80% dos franceses possuem uma ligação ao menos ocasional com as associações, contra um total de 8% que são totalmente refratários e 12% que não são aderentes. Dos 80% de franceses implicados, as motivações principais, segundo o documento, são as seguintes, por ordem decrescente:

le besoin de faire quelque chose pour les autres 34,7 %
(necessidade de fazer alguma coisa pelos outros)

le désir de faire quelque chose avec d'autres personnes .. 20,9 %
(desejo de fazer alguma coisa com outras pessoas)

le sentiment d'être utile à la société 20,9%
(sentimento de ser útil à sociedade)

le désir de pratiquer une activité pour vous même 18,6%
(desejo de praticar uma atividade por conta própria)

c'est un bon moyen d'occuper votre temps libre 3,7 %
(um meio de ocupar o tempo livre)

Tendo em vista a citação acima, meu intuito no presente artigo será tecer algumas reflexões sobre as relações entre associativismo e reciprocidade no mundo contemporâneo, a partir de minhas observações e experiências em uma associação francesa, *le réseau d'échanges de savoirs*, de Belleville e Ménilmontant, dois *quartiers* populares do leste parisiense.² Basicamente, trata-se de uma região, cuja população é composta em sua grande parte de pessoas de nacionalidades, etnias e culturas diferentes. Por se tratar de uma forma associativa inédita para mim, meu interesse principal recaiu na maneira como o *réseau* era apropriado pelos habitantes de Belleville e verificar até que ponto as práticas dos informantes se coadunavam com as interpretações feitas por alguns estudiosos do assunto, dentre estes, o autor do citado documento, Robert Rochefort, o antropólogo Hervé Marchal (2001), Jacques Godbout (1999) e, particularmente Robert Putnam (1996). Se é verdade que o associativismo produz ou influencia a emergência de formas alternativas de participação cívica, além de engendrar formas de sociabilidade, o que isto quer dizer exatamente, levando-se em conta a realidade multicultural de um *quartier* popular do leste parisiense?

Entretanto, antes de dar início à discussão propriamente dita, é preciso apresentar a associação em questão.

Le réseau d'échanges des savoirs de Belleville e Ménilmontant

O primeiro *réseau d'échanges des savoirs* (rede de trocas de saberes) foi criado na França, em 1980, em Evry, “à partir d’habitants, d’une commission extra-municipale des Affaires Sociales et de la Mission d’Éducation Permanente, pour encourager le ‘mieux vivre ensemble’ et permettre l’accès à une démarche de formation permanente”.³

Como se pode observar, a citação refere-se a uma iniciativa dos habitantes das cidades e *quartiers*, mas que conta com o apoio do poder público – municipalidades (Prefeituras) – para promover a troca de saberes (todas as formas de saberes) entre as pessoas que deles participam. Os saberes constituem, portanto, a única moeda de troca, isto é, o DOM a ser circulado e trocado entre os participantes de um *réseau*. Com a criação de outros *réseaux* na França, foi criado o *Mouvement des Réseaux d’Echanges Réciproques des Savoirs* (MRERS), com o objetivo de preservar a integridade ética do movimento, promover a relação entre eles, organizar congressos, seminários, programas de avaliação e cursos preparatórios para os candidatos a mediadores, além de outros projetos que tenham como base a educação popular e alternativa. Fazem parte do MRERS os diferentes *réseaux* que subscrevem a carta de princípios. Assim, de acordo com os estatutos e a carta de princípios do movimento nacional dos *réseaux*:

- 1- A troca de saberes constitui o princípio dinâmico e estruturador da associação, na medida em que esta se **faz para e pelas trocas** efetuadas. Assim, pertencer à associação implica participar do circuito de trocas de saberes – *réseau* – que vai sendo formado e/ou ampliado no decorrer do tempo, através de reuniões semanais e mensais, como fica claro nos princípios abaixo, divulgados pela associação:

... Chacun a des savoirs qui peuvent intéresser les autres. Tout le monde est capable d'être en situation d'apprendre des savoirs proposés par d'autres. Nous pouvons donc tous apprendre et transmettre.

Il n' y a **pas de petits ou de grands savoirs**; toute personne de divers horizons sociaux, professionnel culturels, peut faire des offres et demandes de savoirs, *savoir-faire*, expériences.

Tout rapport d'argent ou de service est exclu. La monnaie qui circule, c'est le savoir. La valeur du savoir est fonction du besoin et du désir des acteurs au moment de l' échange.

La réciprocité: une dimension essentielle et vitale de l'échange. Chacun est à son tour offreur et demandeur, apprend de quelqu'un et apprend à quelqu'un, en binôme ou en petit groupe.

La mise en relation permet qu'aient lieu les échanges en fonction des attentes de chacun. Les participants construisent ensemble leur méthode, la pédagogie à mettre en oeuvre.

L'ouverture et le fonctionnement en réseau agrandissent le champ des opportunités, aident à voir plus loin, à découvrir encore d'autres savoirs, à reconstruire d'autres offreurs potentiels.

savoirs = savoirs intellectuels, savoirs manuels, *savoir-faire*, savoirs issus de l'expérience etc.⁴

2- Entretanto, e fato muito importante do ponto de vista de sua organização jurídica e econômica, cada *réseau* possui autonomia própria, constituindo uma associação à parte, sendo subvencionado pela *Mairie* (Prefeitura) da cidade/*quartier* onde está localizado. No caso da cidade de Paris, existem vários *réseaux* funcionando em diferentes *quartiers* (bairros), apoiados pelas respectivas Prefeituras dos *arrondissements* onde estão localizados os *réseaux*. Isso não impede que haja uma comunicação permanente entre eles, através de pessoas que circulam livremente e participam de mais de um *réseau*, ou mesmo, pelo deslocamento constante de pessoas que se mudam de um *quartier/arrondissement* para outro, ou preferem trocar de *réseau* em função de afinidades pessoais e culturais. Como foi dito, as pessoas podem participar de quantos *réseaux* quiserem, não havendo restrições para tanto.

Há uma recomendação expressa nos estatutos do movimento de que os *réseaux* estabeleçam contatos permanentes e troquem experiências entre si;

- 3- As pessoas que respondem nominalmente pela existência e funcionamento de cada *réseau* são denominadas mediadores. Não são exatamente chefes, donos ou mesmo patrões, mas pessoas que se prepararam voluntariamente no sentido de tomarem para si os encargos de iniciarem a organização de um *réseau*, de colocá-lo em funcionamento, incluindo as atividades práticas implicadas, tais como: organizar um escritório do *réseau* para atender a pessoas, a telefonemas, faxes; inscrições dos interessados, informações sobre atividades e encontros de interesse geral dos participantes, além de organizar as reuniões semanais e mensais de acordo com cronograma e programa aprovados durante as assembleias gerais. São as únicas pessoas a receberem alguma forma de pagamento, pelo trabalho administrativo que executam;
- 4- Mas o mediador, como o nome indica, é também o responsável pela mediação entre as ofertas e as demandas feitas pelos membros do *réseau*, por colocá-los em contato e em relação de troca. Nesse sentido, o mediador tem um papel fundamental, já que ele deve estar a par de todos os processos de troca em andamento, além dos que estão sendo iniciados. Saber se as trocas em andamento estão funcionando bem e se as pessoas estão satisfeitas com seus parceiros. É um papel que requer uma grande disponibilidade de tempo e de escuta, além de tolerância para lidar com diferentes tipos de pessoas, pois dependendo do *réseau*, de onde ele se localiza, como foi o caso do que frequentei, eles podem reunir pessoas bastante heterogêneas, o que pode redundar em conflitos;
- 5- O procedimento para se participar de um *réseau* e iniciar um processo de troca (oferecer e solicitar saberes) é feito durante as reuniões mensais, com data, horário e local marcados com antecedência (assembleias gerais). Na maior parte das vezes, as pessoas novas são convidadas e levadas pelos participantes mais antigos. Mas existem aquelas que se informam através

de outras associações, especialmente os *centres sociaux des quartiers* (associações de bairro), imprensa, cartazes espalhados nas ruas, estações de metrô, outras mídias, *internet*, ou mesmo indo por conta própria. No caso do *réseau* de Belleville e Ménilmontant, muitas pessoas, especialmente os participantes imigrantes e estrangeiros, são levadas ao *réseau* pelos *centres sociaux* daqueles *quartiers*. Como trabalhadora voluntária em um desses *centres*, em Belleville, posso afirmar que havia uma forte ligação entre as associações locais, particularmente com esses *centres sociaux*. Por exemplo, as reuniões semanais do *réseau* de Belleville e Ménilmontant acontecem aos sábados pela manhã e são realizadas nas dependências do Centre Social de Belleville, na rue Jules Romain, enquanto o escritório sede do *réseau* funciona na rue J. P. Thimbaud (mais próxima a Ménilmontant).

- 6- No local e dia/hora marcados, o mediador recebe as pessoas (ele é o anfitrião), se apresenta, faz comunicações e fornece informações de ordem geral e do interesse de todos. Em seguida, dá início aos trabalhos, pedindo para que um outro participante mais antigo vá anotando num quadro, em três colunas: o nome (*prénom*) de cada pessoa que se apresenta (voluntariamente), sua oferta (o saber, o *savoir-faire* que ela se dispõe a ensinar, doar) e sua demanda (o saber, o *savoir-faire* que ela deseja aprender, receber). Geralmente, o mediador e o seu colaborador, na condição de animadores da reunião, são os primeiros a se apresentar e a fazer suas ofertas e demandas. Não há uma regra básica para essa apresentação pessoal, ficando a critério de cada um dizer o que quiser sobre si mesmo, se prefere falar de sua vida, atividades, profissão etc. A etiqueta básica é todos escutarem com atenção o que as pessoas têm a dizer, não interrompê-las até que terminem anunciando sua oferta e a sua demanda. Dependendo do dia e das pessoas presentes, cada uma dessas apresentações pode ser pretexto para uma reunião muito animada, com muitas perguntas, discussões e trocas de informações interessantes, seja sobre as pessoas mesmas envolvidas ou sobre as habilidades, saberes que pretendem oferecer/aprender. Aqui temos um primeiro momento da dádiva, conforme assinala

Godbout (1999) na forma da escuta e do direito à palavra, ou seja, no acordo tácito estabelecido logo de início de todos concederem “a cada um o prazer de dar aquilo que, embora aparentemente não custe nada, não deixa de ser menos precioso: palavras, palavras simples, palavras bonitas ou então feias, ou idéias raras, fórmulas bem elaboradas que tenham chance de permanecer no espírito dos interlocutores” (Godbout, 1999, p. 21). Finalmente, quando todos se apresentam e se dão por satisfeitos com as informações obtidas, a reunião é encerrada com uma refeição coletiva (um lanche ou mesmo jantar), oferecida pelos membros mais antigos que se encarregam de levar pratos, guloseimas (doces e salgados) e bebidas. Enquanto comem, as pessoas conversam muito entre si e muitas delas já demonstram seus interesses recíprocos, iniciando seus intercâmbios, trocando telefones, informações extras, enquanto os novos membros oficializam suas inscrições no *réseau* (preenchimento de um formulário). A tudo e a todos, o mediador deve atender, fornecendo informações suplementares e, em alguns casos, já marcando reuniões com parceiros interessados em iniciar as trocas;

- 7- Um aspecto importante quanto às trocas, é que elas devem ser orientadas no sentido de formar um circuito o mais aberto possível. Por exemplo, enquanto aprendo algo de uma determinada pessoa, ensino algo para uma terceira pessoa; enfim, alguém que não seja o meu doador direto. Ademais, como doador e/ou receptor não preciso ficar presa a uma oferta e demanda somente. Dependendo da oferta que eu tiver feito, poderei ter mais de uma pessoa interessada, da mesma forma que, na condição de receptora, posso me interessar por mais de um saber;
- 8- Após a reunião e apresentação das ofertas e demandas, durante o lanche, já é possível aos futuros “doadores” e “receptores”, estabelecerem contatos entre si. Entretanto, a relação de troca propriamente dita só deve ser iniciada e estabelecida pelo mediador, numa reunião marcada com essa finalidade com as partes interessadas, no escritório do *réseau*. Nessa reunião, as partes interessadas fazem um contrato verbal, estabelecem um

compromisso baseado nos princípios éticos do movimento (completa ausência de remuneração) e combinam dias, horários e lugares onde terá lugar a atividade de transmissão do saber a ser trocado, tudo isso testemunhado pelo mediador.

Ao fazer a apresentação do *réseau d'échanges des savoirs*, meu intuito principal foi mostrar que o *réseau* é um “sujeito coletivo”, uma associação juridicamente constituída, patrocinada pela prefeitura de Paris. Esse fato não exclui a participação de membros de outros “sujeitos coletivos,” como outras associações, sindicatos, partidos políticos etc., mas é na condição de “sujeitos individuais” que as pessoas se apresentam e voluntariamente se filiam e aderem aos princípios estabelecidos pelo movimento, fazendo acordos de troca de saberes testemunhados pelo mediador, da mesma forma que é na condição de “sujeitos individuais” que elas usufruem das vantagens simbólicas que a associação proporciona. Essa observação é importante porque significa dizer que a associação reconhece em todos os momentos e, explicitamente, a autonomia e a liberdade individuais, bem como a igualdade entre todos os seus participantes no que diz respeito à forma de cada um participar no *réseau*, não lhe sendo cobrado nada que cada um não possa ou não queira fazer além de suas possibilidades (ofertas/demandas), explicitadas por ocasião das reuniões. Dessa forma, reconhece-se as limitações de cada um no tocante ao que cada participante pode doar/receber e, um dado não menos importante, reconhece-se ainda a liberdade de todo participante em colocar suas necessidades e interesses individuais como uma parte importante das trocas a serem efetuadas, já que em momento algum se induz alguém a ensinar ou a aprender algo que não seja do seu interesse pessoal.

Entretanto, e é preciso enfatizar esse aspecto, o reconhecimento da liberdade de cada um quanto à forma de participação no *réseau* não exclui um fato que deve ficar evidente para todos, que é a existência de princípios éticos que não podem ser sacrificados. Através da figura do mediador, configura-se um pacto. Este tem o papel e o compromisso de viabilizar e assegurar a todos os participantes as trocas desejadas, ao mesmo tempo que deve assegurar a reprodução do movimento de acordo com os princípios éticos estabelecidos no estatuto do mesmo, convencendo cada participante a se comportar de acordo com esses

princípios e, nesse caso, cuidando para que a liberdade de cada um encontre seu limite nas regras de funcionamento do *réseau*.

Um outro aspecto importante quanto à autonomia e à liberdade dos participantes de um *réseau*, é que, a qualquer momento, estes podem desistir do vínculo com a associação se a obediência às regras se tornar demasiadamente onerosa. Finalmente, é importante ressaltar que a obrigatoriedade de dar e receber saberes sem a mediação de qualquer outra moeda, vale apenas enquanto as pessoas concordam em fazer parte do movimento, concordam em se submeter às regras do MRERS. Não há nenhuma cobrança, portanto, nenhuma “guerra pública ou privada” em relação às pessoas que desistem e não desejam participar mais do vínculo associativo.

Podemos observar, então, o quanto a autoridade do *réseau* representada pela pessoa do mediador é de natureza moral e simbólica; isto é, baseia-se somente na crença e na vontade de seus membros enquanto participantes do movimento. Dessa forma, um *réseau* é avaliado, justamente, pela maior ou menor habilidade com a qual o mediador lida com os interesses e os desejos dos participantes do *réseau*, proporcionando-lhes as trocas desejadas, ao mesmo tempo em que fazemos observar os princípios e a filosofia que regem o movimento nacional dos *réseaux*. Em suma, um bom mediador é aquele cujo *réseau* não apenas possui muitos participantes ou realiza muitas trocas de saberes, mas também aquele em cujo *réseau* os participantes tenham aceitado cumprir, de forma absolutamente voluntária, as regras de trocarmos saberes a partir da filosofia estabelecida.

Essa observação quanto à avaliação e à participação voluntária nos *réseaux* é importante, porque não se pode esquecer que a maioria deles está situada em contextos urbanos onde predomina a lógica do mercado, o princípio utilitário, vale dizer, contextos onde as prestações de serviços são amplamente monetarizadas (economia de mercado) e regidas pela lógica do interesse, incluindo a educação escolar e o ensino técnico-profissionalizante, tanto público quanto privado. Nesse caso, como não poderia deixar de ser, os *réseaux*, além de conviver com essa lógica, sofrem pressões do mercado, através de pessoas que se apresentam como participantes, mas cujos comportamentos e interesses passam a desafiar os objetivos coletivos do movimento. A esse respeito, em

conversas com o mediador do *réseau* de que participei, pude saber de situações concretas de pessoas que tentaram burlar e desafiar a regra máxima do *réseau*, tentando introduzir outras formas de moeda, que não o próprio saber, de modo a maximizarem seus objetivos individuais. Uma vez identificadas, essas pessoas foram chamadas pelo mediador e convidadas a se retirarem do movimento. O que é importante a ressaltar, é que, a despeito dessas tentativas, elas não são freqüentes o suficiente para abalar o movimento. Na verdade, os *réseaux* em toda a França vêm se mantendo firmes com relação às suas propostas originais e, assim, o movimento segue vigoroso por todo o país e fora dele, possuindo hoje cerca de 750 *réseaux*.⁵

Sobre os saberes a serem trocados, como foi citado anteriormente, de acordo com os princípios do movimento, um *réseau* não pode privilegiar e muito menos promover distinções sobre a natureza dos mesmos. Assim, do ponto de vista ideal, todos os saberes que conformam um circuito de trocas possuem a mesma dignidade, sejam eles teóricos ou práticos. Entretanto, na realidade, uma vez que a configuração e a dinâmica de um *réseau* é o resultado da interação social entre os “sujeitos individuais” que dele participam, cada *réseau* tem a sua particularidade, tem a sua cultura própria, devido às condições socioeconômicas de seus participantes (incluindo nível de escolaridade da maioria dos participantes, inserção profissional, etc.) e, muito particularmente, devido à cultura do *quartier* onde o *réseau* está localizado, já que um *réseau* tende a ser mais freqüentado pelos moradores do *quartier* onde ele se encontra. Assim, é preciso observar cada *réseau* em particular e em funcionamento para verificar, de perto, a configuração de saberes que cada um apresenta e observar quais são as tendências ou ênfases em função dos determinantes mencionados acima.

No caso do *réseau* freqüentado por mim, desde o início, ficou evidente o quanto e o como a questão étnica relacionada à condição imigrante e operária da maioria da população do *quartier* influenciava diretamente a dinâmica do *réseau*, visto muitos participantes serem imigrantes, trabalhadores de diferentes origens étnicas e culturais. No caso dos participantes franceses, muitos eram também de origem operária, embora de nível escolar e técnico superior aos imigrantes. Em todo o caso, eram pessoas interessadas em interagir com estrangeiros e imigrantes, uma vez, que de alguma forma, se encontravam envolvidas

com eles, seja porque convivem com eles no trabalho, seja porque viveram algum tempo fora da França, seja porque se uniram à estrangeiros ou são descendentes de imigrantes (de segunda e terceira geração); finalmente, há aqueles que trabalham ou trabalharam em outras associações e organizações que lidam direta ou indiretamente com estrangeiros e com a questão da imigração na França.

Assim, a questão étnica se refletia na diversidade dos saberes que circulava (ofertas e demandas), variando da língua/caligrafia árabe, tunisiano dialetal, culinária malgache, culinária tunisiana, língua e cultura chinesas, costura, natação, *bricolage*, piano, até matemática, filosofia, técnicas de relaxamento, música (teoria), fotografia, biologia e informática etc. Durante o período em que participei da associação, a informática, incluindo todos os saberes práticos que lhe dizem respeito, foi, sem sombra de dúvida, um dos mais solicitados pelos participantes. Minha inclusão no circuito de trocas como doadora se deveu às aulas de informática que passei a ministrar a uma senhora argelina, enquanto recebia aulas de francês (conversaço) de uma senhora (francesa). A grande procura pela informática não é tão difícil de se entender, uma vez que se trata de um conhecimento técnico altamente valorizado na França, e cujo aprendizado além de ser bastante formalizado,⁶ é caro o suficiente para ser acessível a todas as camadas da população, especialmente os imigrantes pobres que habitam os *quartiers* populares do leste parisiense. O uso prático da informática torna-se, então, uma demanda crescente dessas pessoas, que precisam dominar essa tecnologia para dar conta de suas vidas práticas na França – já que muitos serviços neste país são totalmente informatizados – e fazerem contatos com seus países de origem, familiares, amigos etc.

Se até o momento me detive na descrição do *réseau d'échanges des savoirs* de Belleville e Ménilmontant, é porque chamou-me atenção a observação feita por Robert Rochefort (2001) no referido documento apresentado no colóquio que celebrou o centenário da lei de *1^{er} juillet*, quando se referiu às relações “por vezes simples e ambivalentes que os franceses possuem com as associações”, e o fato de elas terem se tornado “une forme ordinaire, presque banale d'intégration dans la société et

une critique vivante de l'un de ses principaux ressorts d'organisation: l'individualisme exacerbé !”⁷

Do mesmo modo, chamou-me a atenção a afirmação de um outro estudioso do associativismo francês, o antropólogo Hervé Marchal (2001), para quem uma das explicações para o crescimento do fenômeno associativo na França deve-se a um certo paradoxo: a ausência de afetividade nas relações interindividuais, apesar de ter se tornado o princípio estruturante da sociabilidade urbana contemporânea, não impede que os cidadãos tenham cada vez mais necessidade de estabelecerem relações face a face e que promovam a proximidade afetiva entre eles.

Ambas as citações são importantes porque, tendo em vista minha proposição inicial de refletir sobre as relações entre associativismo e reciprocidade no mundo contemporâneo, pareceu-me que esses autores, ao pretenderem explicar o associativismo francês, desconsideraram alguns aspectos importantes, como, por exemplo, a questão da imigração. Como observadora estrangeira, esse ponto me chamou muito a atenção durante todo o tempo em que frequentei as associações em Belleville.

Por causa dessa constatação e devido ao interesse de compreendê-la melhor, usei inicialmente os critérios de Jacques Godbout (1999) para classificar as associações de Belleville. Assim sendo, o *réseau* não está baseado na remuneração de seus participantes. Somente o mediador e funcionários do escritório recebem algum tipo de remuneração. Ao mesmo tempo, não se trata de uma organização profissional, embora seja amparada pela lei de 1^{er} juillet e seja patrocinada pela prefeitura. Finalmente, o *réseau* se situa entre os dois tipos de associação assinalados por Godbout, sendo uma associação ao mesmo tempo “instrumental” e “expressiva”. Instrumental, porque trata-se de uma associação que “visa a uma finalidade externa a si própria. Ela se atribui funções sociais, é aberta para o exterior” (Godbout, 1999, p. 83) uma vez que integra um movimento nacional de educação de base e alternativa. Ela é também uma associação de tipo “expressiva”, porque, embora aberta para o exterior, somente enquanto membros filiados do *réseau*, as pessoas podem participar da troca de saberes oferecidos pelo mesmo e, assim, usufruir das vantagens simbólicas que o *réseau* proporciona.

De fato, um traço importante do *réseau* de Belleville e Ménilmontant é esse caráter híbrido, o fato de apresentar ao mesmo tempo um caráter instrumental, além de estar bastante articulado às demais associações locais, e um caráter expressivo. Para alguns informantes, essa característica híbrida não está necessariamente presente nos demais *réseaux*: uns podem enfatizar mais a dimensão instrumental (de movimento social) e outros a expressiva, da mesma forma que podem estar menos articulados às demais associações existentes nos *quartiers*. De acordo com informações obtidas, tomando-se a França e mesmo a cidade de Paris, há *réseaux* bem mais fechados, onde os participantes se renovam menos, permanecendo um mesmo grupo por mais tempo do que no caso de Belleville e Ménilmontant, onde se observa uma renovação maior e constante. Diante da constatação de que o *réseau* de Belleville e Ménilmontant possuía essa característica que o singularizava frente aos demais, minha atenção passou a fixar-se nas razões para tanto.

Como disse, o procedimento utilizado foi observar o modo de apropriação dos participantes, observar como cada um se relacionava com o *réseau*. Por esse caminho pude identificar duas estratégias de apropriação que, ao meu ver, justificam o duplo caráter – instrumental e expressivo – apresentado pelo *réseau* de Belleville e Ménilmontant. A primeira estratégia designarei como aquela referente à produção da localidade, à construção da pertença pelos habitantes desses *quartiers*. Apesar disso, trata-se de um modo de apropriação que não deixa de estar relacionado também aos fluxos globais, na medida em que reafirma a “identidade cosmopolita” (multicultural) atribuída a esses *quartiers* do leste parisiense, em oposição à identidade “menos cosmopolita” de outros *quartiers* parisienses. A segunda estratégia diz respeito à produção de capital social, pois trata-se de uma estratégia de apropriação voltada para atender aos dilemas da ação coletiva, impostos pela vida em comum, pela co-presença de diferentes grupos étnicos e culturais nos *quartiers* em questão.

No que se refere à primeira forma de apropriação, como havia destacado, uma característica importante das associações sediadas nos *quartiers* do leste parisiense é o fato de muitos de seus participantes serem de origem estrangeira, imigrante (primeira, segunda e terceira gerações concomitantemente) ou possuírem vínculos com os mesmos. No caso do *réseau* de Belleville e Ménilmontant, esse é um dos aspectos

que mais atrai o interesse das pessoas, especialmente de estrangeiros recém-chegados, como eu, que vêm nesse ambiente cosmopolita e multicultural, uma possibilidade de se integrarem melhor à vida da cidade, estabelecendo laços para fora dos limites de suas comunidades étnicas e lingüísticas, com franceses ou com outros estrangeiros. Observa-se que esse mesmo grau de interesse encontra-se presente entre muitos franceses também—especialmente entre os mais jovens—pois muitas vezes estes vêm de outros *quartiers* para participarem do *réseau*, justamente porque valorizam o vínculo e a relação com estrangeiros, ou mesmo com o ambiente cosmopolita que esses *quartiers* possuem.

Entretanto, em relação aos franceses, pode-se distinguir duas razões para essa valorização do vínculo com o estrangeiro: uma de ordem pessoal, biográfica e outra de ordem política. Algumas vezes, as duas convergem numa mesma pessoa, mas na maioria dos casos, não. No primeiro caso, encontram-se todos aqueles que, por razões pessoais, tiveram experiências com estrangeiros: viveram fora do país, se uniram a estrangeiros e/ou são descendentes de estrangeiros.

No segundo caso, tem-se a questão da militância política nas associações do leste parisiense e, nesse sentido, essa militância está relacionada à idéia de que o *réseau* de Belleville e Ménilmontant é mais um lugar de socialização, ao mesmo tempo que de arregimentação de trabalhadores imigrantes já devidamente inseridos no mercado de trabalho parisiense, para os sindicatos e outros movimentos sociais que tem sede naquela região da cidade. Essa perspectiva merece ser analisada com cuidado na medida em que ela não é quase nunca explicitada, mesmo por aqueles que a defendem e a praticam.⁸ Para todos os efeitos, uma vez dentro do *réseau*, todos subscrevem a carta de princípios, na qual o *réseau* é apresentado como parte de um movimento social e nacional de educação de base e alternativa, independente de quaisquer partidos ou sindicatos.

De qualquer modo, é preciso enfatizar, essa postura não é partilhada por todos os integrantes do *réseau*, da mesma forma que para alguns estrangeiros com quem conversei, a militância política era um assunto completamente fora de questão, uma vez que suas atenções estavam totalmente concentradas na melhoria de suas condições de vida e de integração à sociedade francesa.

Assim sendo, de acordo com minhas observações e experiências no *réseau* de Belleville e Ménilmontant, com relação ao primeiro modo de apropriação que designei como de produção de localidade, temos duas representações distintas do princípio que sustenta a associação em questão, a saber, a dádiva: na primeira, a contrapartida da dádiva está diretamente associada à participação na vida política local, na condição de sindicalizados e representantes locais dos sindicatos; na segunda representação, mais partilhada pelos imigrantes e estrangeiros, a participação no *réseau* está diretamente associada à oportunidade de uma melhor socialização, logo, de uma melhor integração social à vida do *quartier* e, por extensão, à sociedade francesa, além de ser um pretexto para a promoção de crescimento e de ascensão social.

Como muitas outras associações e, orientando-se pelo princípio igualitário que norteia a cultura cívica francesa, o *réseau* disponibiliza, de fato, recursos e vantagens simbólicas importantes para os estrangeiros que vivem nessa região de Paris, de modo a que estes possam se integrar melhor à sociedade. Como pude observar, essa integração está relacionada a duas dimensões importantes da vida dos imigrantes na França: a primeira, refere-se à condição de trabalhadores inseridos – formalmente ou não – no mercado de trabalho e que, portanto, precisam ser socializados em uma determinada lógica de divisão social do trabalho; a segunda, refere-se à condição, senão de cidadãos, pelo menos de moradores e consumidores que precisam ser socializados nas regras, nos valores e nos hábitos culturais e mentais da sociedade francesa, sem que isso implique necessariamente a perda da condição de membros de “comunidades étnicas” que vivem e habitam regiões na França, mas continuam a manter laços com o país e a cultura de origem.

Nesses termos, uma vez admitindo-se a diversidade étnica de muitas regiões de Paris e que se reflete nas suas associações locais, poder-se-ia dizer que nessas regiões, as associações se apresentam como importantes aliadas do Estado e mesmo do mercado. Se existe uma perspectiva anti-utilitarista nessas associações, ela não se revela explícita, mas senão de forma indireta através de outras variáveis que precisam ser devidamente apreciadas. Uma dessas variáveis está diretamente relacionada à segunda forma de apropriação, aquela relativa à produção de capital social. Dessa forma, se podemos afirmar que as

associações do leste parisiense se identificam ou se percebem como parte de um movimento anti-utilitarista, devemos levar em conta a tradição cívica que é reproduzida nessas associações e que a médio e a longo prazos têm sido responsáveis pelas inúmeras formas de cooperação que elas foram capazes de criar, agregar, de modo a facilitar a ação coletiva de uma população, em princípio carente e excluída de recursos sociais e econômicos. Dessa forma, minha posição é que as associações do leste parisiense são lugares de produção de capital social no sentido que Robert Putnam atribui a essa categoria, como algo que “diz respeito a características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas” (Putnam, 1996, p. 177).

Como herdeiras de uma determinada tradição cívica francesa – a tradição igualitária –, as associações francesas sediadas no leste parisiense, contribuem de maneira decisiva para a formação de capital social porque disponibilizam às populações imigrantes e estrangeiras, sob a forma de regras de reciprocidade, formas de cooperação com o objetivo de facilitar a participação social e cívica dessas populações. De fato, elas colocam em cena, mecanismos sociais que irão agir no interior da própria cadeia produtiva, introduzindo aquilo que o utilitarismo pensou ter expurgado definitivamente da esfera econômica: moralidade e sociabilidade. É preciso ter em mente que não se trata, portanto, de uma generosidade totalmente desinteressada, mas de uma generosidade calculada no sentido de se viabilizar mecanismos institucionais indispensáveis às soluções dos dilemas da vida em comum em *quartiers* onde uma parte significativa da população – senão a maioria, – é imigrante e estrangeira de origem, portanto não compartilha dos mesmos valores culturais, religiosos e éticos. Uma visita aos *quartiers* do leste parisiense, é capaz de mostrar ao observador estrangeiro o quanto o tecido social pode ser facilmente rompido, caso as associações deixem de lado seu importante papel como mediadoras entre o Estado e a população civil (imigrantes e estrangeiros) que habitam esses *quartiers*. Nesse sentido, ao contrário do que sugerem os autores citados (Rochefort, Marchal e o próprio Godbout), em determinados contextos, como nos *banlieues* e no leste parisiense, o “inimigo” a ser combatido pelas associações locais não é tanto o “utilitarismo” ou o “individualismo exacerbado”, mas as inúmeras expressões de desconfiança e intolerância que se abrigam sob a realidade multicultural, colorida e exótica desses

quartiers e que podem eclodir de todos os lados, a qualquer momento, colocando em risco as regras da “vida em comum” na capital e de tantas outras regiões francesas. São inúmeros os incidentes cotidianos que apontam nessa direção e, em contrapartida, reforçam a importância crescente das associações.

A essa altura, é preciso esclarecer que o fato de a sociedade francesa passar a investir em uma cultura cívica apoiada na expansão do associativismo e no princípio da reciprocidade, não pode ser desvinculado da questão da imigração, sobretudo com a pressão demográfica que ela exerce na França atual.⁹ Além dos dados sobre a presença de imigrantes/estrangeiros (legais) na França, temos ainda que levar em conta outros dados demográficos importantes, tais como a queda da taxa de natalidade entre os franceses, o envelhecimento da população francesa, em contrapartida ao aumento significativo da imigração ilegal (elevada presença de clandestinos), o aumento das taxas de natalidade entre as famílias de imigrantes e o grande número de jovens adolescentes, descendentes de imigrantes (segunda geração, nascida na França) em busca de melhores oportunidades e condições de vida.

De fato, minha experiência no *le réseau d'échanges des savoirs* de Belleville e Ménilmontant foi fundamental para me situar melhor diante da expansão do associativismo francês e global e verificar o quanto ele pode se desdobrar em inúmeras frentes que, dependendo do contexto, guardam sentidos inteiramente distintos, em muitos casos divergentes entre si. Essa afirmação se faz necessária, quanto mais ao retomar meus dados de pesquisa, observo que, em Belleville, o grande interesse pela criação de vínculos de sociabilidade com “os outros” não estava tão relacionada à vontade desinteressada de “fazer algo para eles” mas de “fazer algo junto com eles”. A esse respeito, diferentemente do documento do Credoc que aponta como motivação principal para os franceses se associarem, em primeiro lugar, o fato de “sentirem necessidade de fazer algo para as pessoas”, em Belleville, a motivação principal era aquela que aparece em segundo lugar no documento do Credoc, a saber, “sentirem necessidade de fazer algo junto com as pessoas”. Essa sem dúvida é, em muitas situações e contextos associativos de Paris, a motivação mais importante. Por quê?

Um dos recursos fundamentais de toda e qualquer sociedade é a confiança. De acordo com Putnam (1996), ela é uma parte essencial do capital social, se não é o próprio capital social, por excelência. Para este autor, como qualquer outro recurso, a confiança tem de ser gerada, produzida e, nesse caso, o seu lugar de produção são as regras de reciprocidade. Quando Marcel Mauss (1974), argumentou que a reciprocidade é o fundamento do social é porque, de fato, ela gera “algo” – o vínculo. Entretanto, o vínculo é a parte visível de um sentimento que não pode ser de forma alguma considerado um atributo natural da espécie humana. Seja qual for o nome que as sociedades e as diferentes tradições religiosas e/ou intelectuais deram a esse sentimento – amizade, amor, simpatia, confiança – ele só é possível como consequência de determinadas formas de ação coletiva. Putnam (1996, p. 180) preferiu usar o termo confiança para afirmar que “quanto mais elevado o nível de confiança numa comunidade, maior a probabilidade de haver cooperação”, isto é, de solidariedade, sendo a própria cooperação geradora de mais confiança e, portanto, de solidariedade.

Émile Durkheim também não utilizou o termo confiança. Em seu livro *Da divisão social do trabalho* (1999), preferiu usar a categoria solidariedade para afirmar que o que difere as sociedades simples das sociedades complexas, seria o tipo de solidariedade (confiança) implicada nas regras de reciprocidade existentes nessas sociedades. Em sociedades simples, onde predomina a divisão sexual do trabalho, a confiança teria seu lugar de produção na organização familiar, já que nessas sociedades, as relações de parentesco e de afinidade são tomadas como modelo ideal de reciprocidade. Esse tipo de solidariedade (e de confiança), a qual Durkheim identificou como “solidariedade mecânica”, teria como característica principal uma tonalidade emocional de caráter pessoal e íntimo. Para Putnam, esse tipo de solidariedade, ou melhor, de confiança a qual denomina de “confiança irrestrita”, predomina justamente em comunidades pequenas e coesas, porque resulta da convivência e dos laços de reciprocidade direta de pessoa a pessoa.

Entretanto, segundo Durkheim, a diferença das sociedades complexas em relação às sociedades simples é que as primeiras reconhecem um outro lugar de produção da confiança, que não é mais identificada como algo que advém somente das relações pessoais, íntimas, calcadas no modelo de relacionamento familiar. Nas sociedades

modernas, esse outro lugar de produção da confiança seria o trabalho, ou melhor, o “mundo do trabalho”, da mesma forma que, para Durkheim, o trabalho, o “mundo do trabalho” seria também uma fonte preciosa da moralidade pública, uma vez que a confiança agora seria definida não mais pelo viés do familismo, mas pelo viés da cooperação em função das relações contratuais que regulam o mundo do trabalho. As consequências dessas proposições são cruciais para o pensamento sociológico moderno, pois, segundo Durkheim, quanto mais as sociedades conseguiram, na sua passagem para a modernidade, criar sistemas de cooperação fundados nas relações de trabalho, portanto, atreladas ao “mundo do trabalho”, mais essas sociedades conseguiram produzir sistemas de participação cívica, em outros termos, uma cultura cívica, já que a confiança se tornou “uma forma de confiança mais impessoal ou indireta” (Putnam, 1996, p. 181). Em suma, a confiança deixa de ser pessoal para ser eminentemente social.

O que é importante nessa discussão é que, na modernidade, segundo Durkheim, a moralidade advinda da “confiança irrestrita”, baseada nas relações pessoais e íntimas, deixa de ser o paradigma para a moralidade pública. Esta passa a ser identificada cada vez mais com aquela moralidade advinda da confiança impessoal e indireta, baseada na cooperação advinda das relações contratuais, portanto, aquela que toma como modelo a divisão social do trabalho. Assim, quanto mais uma sociedade se baseia na “confiança irrestrita”, ou seja, na “confiança pessoal”, menos consciência ela possui do caráter social da solidariedade e da reciprocidade e, nesses termos, poder-se-ia dizer que menos cultura cívica ela possui. Quanto mais uma sociedade se baseia na confiança impessoal ou indireta, mais consciência ela possui do caráter social da solidariedade e da reciprocidade. Nesse caso, poder-se-ia dizer que mais cultura cívica ela possui devido à consciência que os sujeitos sociais passam a ter em relação aos processos e às mediações que as instituições promovem no interior da sociedade, donde o termo “solidariedade orgânica” para designar esse novo tipo de solidariedade. Finalmente, quanto mais uma sociedade se baseia na “solidariedade orgânica”, mais ela estará propensa a acreditar que os vínculos sociais são fundamentais, exatamente porque passaram a ser percebidos como “fenômenos sociais”.

Em termos concretos, essa discussão é importante porque ela inaugura, de certo modo, o debate contemporâneo em relação às posturas

primordialistas, que, de acordo com Alain Bourdin (2001, p. 10) apregoam o fracasso do modelo de complexificação do social, sustentando que o “futuro das sociedades está numa volta aos grupos primários”. De todo o modo, como as teses de Durkheim não se referem apenas às formas de organização social ou às formas institucionais empiricamente observáveis, mas, referem-se, sobretudo, às formas de consciência pelas quais o social é percebido como tal ou não, é fundamental contextualizarmos esse debate de modo a detectarmos como, em cada situação estudada, se organizam as representações que opõem o social ao pessoal, ao íntimo, ao psicológico, ao natural, ao sobrenatural (religioso), ao mágico. No caso estudado por mim, penso que essa discussão torna-se ainda mais reveladora por estarem em jogo tradições intelectuais e espirituais opostas, como é o caso das relações entre franceses e imigrantes, estes, em grande parte, mulçulmanos. Nesse caso, como encontrar um denominador comum que possa articular pessoas e grupos tão diferentes?

Tendo participado e trabalhado em três associações francesas sediadas em *quartiers* do leste parisiense – Belleville e Ménilmontant – não tenho a menor dúvida de que esse denominador comum são as associações locais, pois são elas que estão reproduzindo naquele contexto os sistemas de participação cívica, na medida em que produzem e instauram (na maioria dos casos) ou então fortalecem (em outros casos) a confiança social, facilitando a cooperação entre atores sociais que histórica e culturalmente se percebem como desiguais e diferentes. Essa última observação é importante, porque não se trata apenas de facilitar quaisquer formas de cooperação, ou reafirmar as formas de cooperação que Putnam define como “verticais” porque se referem às formas de cooperação tradicionais que reúnem desiguais em relações assimétricas e hierárquicas. No caso em questão, bem entendido, trata-se de desconstruir justamente algumas formas historicamente estabelecidas de cooperação vertical, aquelas que tradicionalmente marcaram as relações entre franceses e nativos de suas ex-colônias, ou mesmo entre franceses e estrangeiros de um modo geral, para se construir uma outra forma de cooperação, dessa vez “horizontal”, isto é, aquela que reúne agentes que se percebem e se atribuem respectivamente o mesmo *status* e poder.

Assim, no que se refere a *le réseau d'échanges des savoirs* de Belleville e Ménilmontant, é verdade que o interesse pela culinária malgache ou pela culinária tunisiana pode ficar circunscrito ao simbolismo da troca cultural em si, mas é verdade também que, para muitos participantes do *réseau*, o interesse sobre os saberes se justifica porque ele se apóia sobre um acordo tácito no que se refere à consciência que todos possuem de que, através do vínculo criado, sujeitos sociais até então histórica e culturalmente percebidos como desiguais e diferentes, podem ensaiar formas de cooperação horizontal.

Em minhas observações sobre o funcionamento do *le réseaud'échanges des savoirs* que freqüentei, esse é um ponto que ficou suficientemente destacado, já que uma das condições para um *réseau* ser bem sucedido é a diversidade de saberes (que, por sua vez, supõe divisão social do trabalho, divisão intelectual e técnica do trabalho), sobretudo aqueles saberes que provêm da experiência do próprio trabalho, o chamado *savoir-faire*, o “conhecimento tácito”, e que são distribuídos de forma igualmente heterogênea e desigual entre os indivíduos, em função de seus diferentes graus de escolaridade e participação no mercado de trabalho.

No contexto estudado, o *réseau* promove a igualdade de oportunidades – um dos direitos humanos básicos – sem dúvida. Mas, é preciso ressaltar, mais uma vez, que, como em outras associações locais, a promoção do igualitarismo passa primeiro pela produção de capital social, no caso, a promoção da confiança entre sujeitos sociais que, historicamente, se percebem como diferentes e desiguais.

Ao enfatizar o sentido integrador e de certa forma pacificador do *réseau*, destacando o papel de acolhimento e de hospitalidade que ele desempenha junto com as demais associações locais, no que concerne à inserção dos imigrantes e estrangeiros à vida do *quartier*, não quis dizer com isso que tais representações façam parte do discurso oficial da associação, que as pessoas que dela participam tenham esse objetivo em mente todo o tempo. Como toda instituição social, é o cotidiano, são os rituais, as práticas que melhor revelam a sua lógica e, conseqüentemente, seus objetivos. De qualquer modo, (como afirmei no início do artigo e, independente das representações que os dirigentes nacionais ou mesmo

militantes mais antigos possuem sobre os “significados” do MRERS) cada *réseau* possui uma cultura específica devido às formas de apropriação locais. Nesses termos, minha observação e experiência no *réseau* de Belleville e Ménilmontant permitem-me dizer que esses significados emanam de um conjunto de práticas a partir das quais foi possível inferir essa percepção mais geral. Uma prática importante foi, sem dúvida, os modos de singularização em torno dos saberes, especialmente dos “saberes exóticos” que, como disse, constituem uma particularidade desse *réseau*.

Em seu artigo intitulado “The social biography of things: commoditization as process”, Igor Kopytoff (1996), esclarece que práticas de singularização quanto ao uso de determinados bens, inclusive os chamados bens simbólicos, são processos culturais normais que ocorrem em quaisquer sociedades, sejam elas complexas ou tradicionais. Para Igor Kopytoff (1996, p. 65), “do ponto de vista cultural, a produção de bens é sempre também um processo cognitivo, isto é, os bens devem ser não apenas produzidos materialmente como coisas, mas também culturalmente sinalizados como um determinado tipo de coisas”.¹⁰ Se estamos de acordo com essa afirmação, do conjunto de coisas disponíveis numa sociedade, algumas podem ser ritualmente separadas e/ou eventualmente singularizadas ao ponto de virarem “objetos sagrados”, “objetos singulares”, enquanto outras são transformadas ou continuam sendo consideradas “coisas comuns”, portanto, intercambiáveis por quaisquer outros bens de valor de troca equivalente.

Ao mesmo tempo, Igor Kopytoff fala que uma mesma coisa pode receber diferentes sinalizações de acordo com as épocas, podendo ser tratada como uma “coisa comum” numa determinada ocasião, e como um “objeto singular” em outra, donde a importância que a biografia dos objetos passa a ter, já que ela pode evidenciar os diferentes significados de um objeto ao longo de sua trajetória e da história de uma sociedade. Para explicar melhor seu argumento, o autor menciona a escravidão, visto que nas próprias sociedades ocidentais, em vários momentos, seres humanos e coisas foram postos do mesmo lado, como objetos perfeitamente intercambiáveis. O que o autor pretende esclarecer é que, se a mesma coisa pode, em diferentes momentos, ser vista por uma pessoa (ou grupo) como um “objeto comum”, e, por outra pessoa ou grupo, como um “objeto singular”, é porque, na verdade, essas mudanças e

diferenças revelam a existência de uma economia moral subjacente à economia das transações visíveis.

Como havia ressaltado, um aspecto importante dos *réseaux* é que o processo de singularização dos “saberes” se inicia no momento mesmo em que doadores e receptores se apresentam nas reuniões mensais. No caso do *réseau* de Belleville e Ménilmontant, devido à diversidade das pessoas, essa singularização recobria uma pluralidade de significados e intenções. Assim, para os franceses, cuja participação no *réseau* possuía um sentido mais político e militante, a singularização possuía um significado mais instrumental, ou seja, através do DOM, garantir-se-ia a acessibilidade de conhecimentos e saberes às pessoas que deles poderiam se beneficiar, mas que não poderiam pagar por sua obtenção. Nesse caso, a troca de saberes estava mais associada à luta contra a crescente mercantilização dos saberes, bem como sua excessiva formalização e controle pelas instituições de ensino escolar ou técnico francesas – caso da informática, por exemplo – o que fazia com que essa tecnologia se tornasse praticamente inacessível aos imigrantes pobres ou recém-chegados.

Contudo, um número significativo de participantes com quem conversei – franceses e não franceses – estavam mais próximos daquilo que Marcel Mauss destacou como sendo próprio dos sistemas da dádiva, ou seja, o fato de eles colocarem em evidência o caráter “mágico” dos bens, que diz respeito à alma (*hau*), ao espírito que as coisas carregam consigo e que corresponde ao espírito daqueles que as possuem. Esse é o caso de franceses que valorizavam seus vínculos com o mundo exterior, com estrangeiros e culturas exóticas, porque viam nisso uma forma de crescimento e de auto-realização pessoal, bem como de distinção. Eles podiam ser identificados com facilidade, pela demonstração de interesse explícito que mostravam ter por todos os “saberes e culturas exóticas” que eram oferecidos, ou mesmo ao se apresentarem como receptores daqueles que se ofereciam para transmiti-los. Nesse caso, o saber em questão era “singularizado” como um “bem cultural”, inserido no sistema mais amplo de consumo e de práticas culturais que essas pessoas desenvolvem, tais como: viagens de férias ao norte da África (Tunísia, Marrocos, Argélia, Mali, Egito, etc.) ou Ásia, interesse em frequentar seminários, conferências e exposições sobre a cultura de países africanos e asiáticos – e que, na França, podem ser gratuitas e abertas ao público

em geral, ou interesse pela leitura de livros e publicações sobre esses países e culturas.

Do ponto de vista dos estrangeiros, imigrantes, portadores de “saberes exóticos” essa forma de singularização de seus saberes por parte dos franceses não passava despercebida. Entretanto, à despeito da consciência de que eram de alguma forma “exotizados”, o interesse era recebido positivamente, já que indicava não somente a valorização positiva da co-presença, mas também assinalava para eles uma passagem muito importante e que consistia no objetivo principal de muitos deles: tornarem-se pessoas no âmbito local. Assim, não era por acaso que os participantes estrangeiros, ao se apresentarem, falavam longamente sobre sua trajetória mas também de seu país de origem, isto é, preocupavam-se em contextualizar, para o grupo, o(s) saber(es) que estavam disponibilizando. Ao fazerem isso, apesar das dificuldades de comunicação de muitos, no que eram imediatamente ajudados pelos demais, o processo de singularização era iniciado e o saber passava a se tornar uma dimensão inalienável da pessoa e da vida de seu portador, tornando esse doador “único” no contexto daquele *réseau*, ao mesmo tempo em que tornava “únicos” todos aqueles que o receberiam, como uma parte da trajetória da vida do doador, uma expressão metonímica de sua pessoa, de suas qualidades e características morais. Não que essa lógica de singularização não tivesse lugar entre doadores de saberes “menos exóticos”, isto é, saberes menos circunstaciados às questões étnicas e culturais. O que ocorre é que nesses casos, o simbolismo da construção da pessoa fica menos visível para o observador que está de fora da relação. Entretanto, ele existe e foi determinante em minha relação com a senhora argelina a quem dei aulas de informática.¹¹

O que é importante a ser ressaltado, é que mais do que uma lógica de singularização que favorece a criação de vínculos sociais, o *réseau*, ao promover a singularização de saberes, singulariza igualmente seus portadores, retirando-os de seu anonimato e, nesse caso, torna-se ele próprio um importante mecanismo de construção da pessoa no contexto do *quartier*. Assim, além de ser um importante lugar de produção de capital social (confiança, base para a cooperação), o *réseau* é também um importante mecanismo de produção de pertença, de construção da identidade de morador.

Entretanto, é bom não tomar ou não confundir esse mecanismo de transformação do indivíduo em pessoa com uma proposta de reconstrução ou de reprodução, em um *quartier* parisiense, de uma “comunidade”. Bem entendido, as formas de cooperação criadas não visam à produção do *charisma* que caracteriza o modelo de comunidade. Ao contrário, minhas percepções me levam a dizer que as associações locais são lugares de construção da pessoa, na exata proporção em que garantem a autonomia e a liberdade individuais. É nesse sentido que o simbolismo do *réseau* é interessante de ser observado, exatamente pelo fato de nele essa intenção estar mais explícita e ser continuamente objeto de cuidado, ou seja, mostrar que ele não está preso, fixado ao modelo de comunidade: pela sua configuração e dinâmica mais flexível, pelo caráter lúdico que ele assume, o *réseau* permanece como uma zona de convivência na qual o trânsito entre a impessoalidade, o anonimato, e o pessoal, o íntimo, é ainda mais facilitado, possibilitando uma articulação melhor entre a pessoa (comunidade) e o indivíduo (sociedade).

Em vista disso, retomando a distinção proposta por Godbout entre associações de tipo instrumental e expressivo, afirmei anteriormente que esta distinção não se aplicava ao *réseau* de Belleville em particular. Como pretendi mostrar, este não pode ser incluído como uma associação exclusivamente instrumental ou exclusivamente expressiva, pois no caso estudado, os dois tipos se fundem, se interpenetram produzindo um tipo de vínculo cujo acordo tácito é justamente a possibilidade de cada um jogar concomitantemente com os dois papéis: o de indivíduo e o de pessoa, a partir do momento em que a permanência dos participantes na associação só se justifica enquanto estes estejam doando e recebendo saberes.¹²

Conclusão

O presente artigo teve como objetivo tecer reflexões sobre uma forma associativa francesa específica – *le réseau d'échanges des savoirs* – em um dado contexto urbano, os *quartiers* populares de Belleville e Ménilmontant, ambos situados no leste parisiense, a partir das diferentes formas de apropriação de seus participantes. Um aspecto que me despertou interesse foi saber qual era o acordo tácito que mantinha unido

o *réseau*, apesar das enormes diferenças verificadas entre seus participantes. Um primeiro caminho me foi dado no momento em que passei a frequentar outras associações locais e a examinar com cuidado a categoria “identidade cosmopolita” atribuída ao *quartier* de Belleville, o que, no caso, não deixa de ser uma identidade controvertida, especialmente quando nos deparamos com as premissas históricas e sociológicas que a sustenta.¹³

Sob essa perspectiva, disse que o *réseau* poderia ser analisado a partir de duas perspectivas: como lugar de produção de “localidade” e como lugar de produção de capital social. O primeiro implica a produção de tudo aquilo que se refere à construção da pertença, de tudo o que se refere aos modos de apropriação dos recursos que o *quartier* tem a oferecer aos seus moradores. A segunda perspectiva, refere-se à produção de capital social pelas associações, na forma de sistemas de cooperação e de sistemas de participação, mas que, para serem devidamente usufruídos, dependem da confiança, do modo como ela está distribuída entre os habitantes do *quartier*. Nesse sentido, analisei o *réseau* como um lugar de produção desse recurso importante, afirmando que o *réseau* de Belleville e Ménilmontant ao promover a confiança e a cooperação entre os habitantes do *quartier* – franceses e imigrantes – contribui para aumentar o capital social do *quartier* e de seus habitantes no que se refere às alternativas que eles terão à sua disposição para resolverem os dilemas impostos pela vida em comum.

Finalmente, orientando-me pelas proposições de Putnam, penso que o *réseau* apresenta-se com um sentido potencialmente revolucionário, na medida em que, nesse contexto urbano específico, ele contribui para a ampliação dos sistemas de intercâmbio social, tornando ao mesmo tempo as regras de solidariedade mais sólidas e mais generalizadas, a partir do momento em que contribui para o aperfeiçoamento do fluxo de informações sobre a confiabilidade dos habitantes do *quartier*, uma vez que se apresenta também como um lugar de construção da pessoa, e por corporificar um determinado modelo de solidariedade, apresentando um modelo cultural que, justamente por ser flexível, híbrido, situar-se entre o pessoal, o íntimo e o impessoal e o anônimo, torna-se atraente para todos. Assim, inserido num contexto mais amplo – o do associativismo francês e contemporâneo – o *réseau*

se destaca como forma associativa, justamente porque investe sobre os recursos simbólicos da reciprocidade generalizada, não caindo na tentação primordialista de pretender recriar em termos locais a comunidade utópica ou primitiva. Para repetir as palavras de Putnam (1996, p. 186) o *réseau* permite aos participantes se tornarem mais confiantes em relação a si próprios e aos outros “e não simplesmente crédulos”.

Notas

- 1 Em sua versão preliminar, o presente artigo foi uma comunicação apresentada no X Congresso de Sociologia, na mesa-redonda *Dádiva e Sociedade: o ciclo de reciprocidade*, sob o título “*Le réseau d’échanges des savoirs: o conhecimento como dádiva*”, em Fortaleza, de 3 a 6 de setembro de 2001. Aproveito a oportunidade para agradecer o convite que me foi feito pelos professores Brasilmar Nunes (UnB) e Paulo Henrique Martins (UFPe) para participar da referida mesa-redonda.
- 2 Essa experiência está relacionada ao meu programa de pós-doutorado, realizado, de agosto de 2000 a julho de 2001, através do acordo Capes e Cofecub entre o PPGACP/NUFEP/UFF e o IPRAUS e o Departamento de Sociologia de Paris X Nanterre, coordenados respectivamente pelos Professores Roberto Kant de Lima (Brasil) e Isaac Joseph (França).
- 3 Uma tradução aproximada pode ser: “a partir dos habitantes, de uma comissão extra-municipal formada pela Secretaria (municipal) de Assuntos Sociais e pela Missão de Educação Permanente (do Ministério da Educação), com o objetivo de promover o ‘melhor modo de vida em comum’ e permitir o acesso à formação permanente”. Outras informações importantes sobre essa forma associativa podem ser encontradas no endereço <<http://www.mirers.org/>>.
- 4 ... Cada um possui saberes que podem interessar aos outros. Todo mundo é capaz de estar em situação de aprender saberes propostos pelos outros. Nós podemos então, todos, aprender e transmitir.

Não há pequenos ou grandes saberes; toda pessoa de diversos horizontes sociais, profissionais, culturais pode fazer ofertas e demandas de saberes, *savoir-faire*, experiências.

Toda relação de dinheiro ou de serviço está excluída. A moeda que circula é o saber. O valor do saber é função da necessidade e do desejo dos atores no momento da troca.

A reciprocidade: uma dimensão essencial e vital da troca. Cada um é, a seu turno, ofertante e solicitante, aprende de alguém ou junto à alguém, em binômio ou em pequenos grupos.

Promover a relação entre as pessoas permite que tenham lugar as trocas em função das necessidades de cada um. Os participantes constroem em conjunto seu método, a pedagogia a ser colocada em prática.

A abertura e o funcionamento em rede ampliam o campo das oportunidades, ajudam a ver mais longe, a descobrir ainda outros saberes, a conhecer outros ofertantes potenciais.

Saberes: saberes intelectuais, saberes manuais, *savoir-faires*, saberes baseados na experiência.

- 5 450 *réseaux* somente na França, fora os existentes na Bélgica, na Suíça (Genève) e no Canadá, perfazendo um total de 750 *réseaux*.
- 6 Diferentemente do Brasil e outras sociedades, a informática, bem como outros saberes técnicos, é um saber totalmente formalizado, não havendo muito espaço para o aprendizado informal. Ao contrário do Brasil, não é comum na França o popular “micreiro”, aquela pessoa que sabe tudo sobre microcomputador e informática, em função de sua prática e de seu interesse próprio.
- 7 “uma forma comum, quase banal de integração na sociedade, além de uma crítica a uma de suas principais molas propulsoras: o individualismo exacerbado!” (cf. Rochefort, 2001).
- 8 Na verdade, eu nunca presenciei alguma atitude explícita nesse sentido. Mas em conversas com meus companheiros de outras associações, estes me disseram que nas associações do leste parisiense existem militantes de diferentes partidos/sindicatos que as freqüentam como observadores para, eventualmente, convidarem pessoas para participarem dos sindicatos.
- 9 De acordo com Emmanuel Vaillant (1996, p. 3), “si aujourd’hui la France compte 4,2 millions d’immigrés et 3,6 millions d’étrangers parmi 58 millions d’habitants, l’immigration concerne toute la population française”.
- 10 Tradução do inglês feita por José Augusto Drummond (mimeogr.).

- 11 Essa senhora trabalhava no Centre Social de Belleville, uma das três associações que frequentei. Antes das aulas de informática, ela era bastante reticente em relação à minha presença no Centre. A partir do momento em que começamos as aulas, todas as portas se abriram para mim, como tenho certeza de que passei a ser investida de qualidades e atributos que até então não me eram associados.
- 12 É possível, uma pessoa ficar durante um certo período no *réseau* somente como doador ou apenas como receptor, mas essa não é a situação desejada. O desejado é que uma pessoa seja sempre e, ao mesmo tempo, doador e receptor de saberes.
- 13 Em comunicação apresentada na IV Reunião de Antropologia do Mercosul, intitulada “A cidade e o comércio” (novembro de 2001), tive a oportunidade de apresentar alguns desses aspectos controvertidos sobre a identidade cosmopolita atribuída ao *quartier* de Belleville.

Abstract. The aim of this article is to think about the local ways of appropriation of a certain form of association – *le réseau d'échanges des savoirs* (the net of interchanging knowledge) – of Belleville and Ménilmontant, two popular districts in the east of Paris. From my experience as a member of the net (*reseau*), from my observation and conversations with other members, I came to the conclusion that this appropriation happens in two ways: the first one respects the production of locality, *i. e.*, the condition of belonging of the local inhabitants; the second one respects the production of the social capital, based on confidence that leads to forms of cooperation. It is important to note that these two ways do not exclude one another, they interact and, often, melt.

Resumé. Le but de cet article est de réfléchir à propos de quelques modes d'appropriation d'une forme associative en particulier – le réseau d'échanges des savoirs – de Belleville et Ménilmontant, c'est-à-dire, deux quartiers populaires du l'est parisien. À partir de mes expériences comme membre de cette association, mes observations et conversations avec les autres membres, j'ai conclu qu'il y a deux modes d'appropriation en jeu: le premier, c'est celui de la production de la localité, c'est-à-dire, de la production de la condition d'appartenance des habitants de ces quartiers; le deuxième mode, c'est celui de la production du capital social, c'est-à-dire, de la confiance que donne origine à toutes formes de coopération et rapport entre les habitants de ces quartiers. Il faut remarquer que ces modes d'appropriation ne sont pas exclusifs.

Referências bibliográficas

- BOURDIN, Jacques. *A questão local*. Rio de Janeiro : DP&A, 2001.
- DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. Rio de Janeiro : Martins Fontes, 1999
- GODBOUT, Jacques. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro : Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- KOPYTOFF, Igor. The cultural biography of things: commoditization as process. In: APPADURAI, Arjun (Org.). *The social life of things: commodities in cultural perspective*. London : Cambridge University Press, 1996.
- MARCHAL, Hervé. L'association ou la forme urbaine du dom. *Les Annales de la Recherche Urbaine*, n. 89, p. 29-34, 2001.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*, São Paulo: EDUSP, 1974. v. 2.
- PUTNAM, Robert. *Comunidade e democracia: a experiência na Itália moderna*. Rio de Janeiro : Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- ROCHEFORT, Robert. *Les français et les associations*. 2001. Intervention au Colloque du Conseil Economique et Social, du 21 juin 2001, Assemblée Nationale.
- VAILLANT, Emmanuel. *L'Immigration*. Paris : Milan, 1996.